

AMPLIAÇÃO LEXICAL DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA USUÁRIOS SURDOS BILÍNGUES POR MEIO DAS MÍDIAS DIGITAIS

Tatiane Folchini dos Reis¹

Ygor Corrêa²

Resumo: Este estudo investiga como um grupo de surdos bilíngues, usuários de Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e Língua Portuguesa (LP) como segunda língua, faz uso das mídias digitais, especificamente do aplicativo *WhatsApp* para trocar mensagens sobre dúvidas relacionadas à LP fora da sala de aula. O estudo aprofunda achados de uma pesquisa anterior sobre estratégias linguísticas e a ampliação do léxico da LP e dialoga sobre o impacto das mídias digitais na constituição linguística e social dos surdos. O aporte teórico apoia-se na literatura sobre Libras e suas legislações voltadas à Educação Bilíngue de Surdos e o uso das mídias digitais (KARNOPP, 2015; QUADROS, 2017; CORRÊA; CRUZ, 2019). Nesta pesquisa qualitativa foram analisadas 930 mensagens sobre a ampliação do léxico da LP, a partir da técnica de Análise de Conteúdo. A pesquisa mostrou que o *WhatsApp* é um recurso tecnológico importante que estimula os surdos para trocarem mensagens de forma colaborativa, que ampliam o léxico da LP e potencializam a condição bilíngue destes sujeitos.

Palavras-Chave: Ensino bilíngue. Ampliação lexical. Língua portuguesa para surdos. Mídias digitais.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), docente no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC/Câmpus Palhoça Bilíngue). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5565-4103>. Endereço eletrônico: tatiane.reis@ifsc.edu.br.

² Doutor em informática na educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), docente no Curso de Graduação em Pedagogia da UCS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3526-9195>. Endereço eletrônico: correaygorprof@gmail.com.

LEXICAL EXPANSION OF THE PORTUGUESE LANGUAGE FOR BILINGUAL DEAF USERS THROUGH DIGITAL MEDIA

Abstract: This study investigates how a group of bilingual deaf people, users of Brazilian Sign Language (Libras) as their first language and Portuguese Language (PL), as a second language, make use of digital media, specifically the WhatsApp application, to exchange messages about doubt questions related to PL outside the classroom. The study deepens findings from previous research on linguistic strategies and the expansion of the PL lexicon and dialogues about the impact of digital media on the linguistic and social constitution on the deaf. The theoretical contribution is based on the literature on Libras and its legislation about Bilingual Deaf Education and the use of digital media (KARNOPP, 2015; QUADROS, 2017; CORRÊA; CRUZ, 2019). In this qualitative research 930 messages analyzed the expansion of the PL lexicon, using the Content Analysis technique. The research has shown that WhatsApp is a technological resource that encourages deaf people to exchange messages in a collaborative way, which expands the PL lexicon and enhances the bilingual condition of these subjects.

Keywords: Bilingual teaching. Lexical expansion. Portuguese language for the deaf. Digital media.

Introdução

Este artigo investiga como sujeitos surdos bilíngues, usuários de Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua materna (L1) e Língua Portuguesa (LP) escrita, como segunda língua (L2), fazem uso do aplicativo de troca de mensagens instantâneas *WhatsApp*, com vistas a tratar de dúvidas relacionadas ao léxico da LP fora da sala de aula. O estudo aprofunda achados de uma pesquisa anterior (REIS; CORRÊA, FERREIRA, 2019), sobre estratégias linguísticas em LP

adotadas por um grupo de sujeitos surdos bilíngues ao utilizar o *WhatsApp*, via comunicação digital.

Neste sentido, o estudo analisa de que maneira, possivelmente, os sujeitos surdos tendem à ampliação do léxico da LP. Desta forma, sob a mesma tônica presente no estudo anterior (REIS; CORRÊA, FERREIRA, 2019), entende-se que é necessário evidenciar que os surdos não apresentam uma “deficiência verbal” (KARNOPP, 2015, p. 169) em relação à comunicação e ao léxico da LP. Neste horizonte, investiga-se sob a perspectiva do bilinguismo (QUADROS, 2017) na Educação de Surdos (KARNOPP, 2015) o modo como a Língua Portuguesa vem sendo conceituada em relação ao ensino bilíngue para surdos brasileiros por meio de documentos legais (BRASIL, 2002; 2005; 2019). Questão que está diretamente ligada à educação de surdos ao modo como esses têm sido, historicamente, vistos como sinalizantes de uma língua de sinais minoritária e de menor prestígio, o que leva à crença equivocada de que esses não apresentariam condições linguísticas para ler e escrever em LP (KARNOPP, 2015). É, neste sentido, que este estudo evidencia que trocas de mensagens instantâneas podem fomentar interações entre surdos, como forma de reflexão sobre a LP, mesmo que influenciadas pela L1 para designar conhecimentos linguísticos com as finalidades de explicação, compreensão e contextualização do léxico da LP como L2 (ALMEIDA; LACERDA, 2019).

Diante desse cenário, esta pesquisa apoia-se na literatura sobre Libras (QUADROS; KARNOPP, 2004; QUADROS, 2017; KARNOPP, 2015b) e suas legislações oficiais no Brasil (BRASIL, 2002; 2005; 2019). Para, além disso, discorre-se acerca do uso do aplicativo de comunicação *WhatsApp*, enquanto recurso digital. Na investigação proposta sobre o uso do aplicativo *WhatsApp* toma-se as postulações de pesquisadores surdos como Goettert (2019) e Claudio (2019), como outrora adotadas para relatar o modo como a Libras vem encontrando pontos de fusão e de convergência com as tec-

nologias digitais (CORRÊA; CRUZ, 2019). Acredita-se que o uso de tecnologias digitais como o aplicativo em questão pode, para além de espaços educacionais, fomentar a comunicação em LP escrita, sem que se tenha por finalidade abordagens didático-pedagógicas.

Esta é uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória (SAMPIERI, COLLADO, LUCIO, 2013), que apresenta o aprofundamento do código Estruturas Linguísticas (AL) e da categoria Ampliação do Léxico (AL) da LP, quando da análise das mensagens trocadas pelo *WhatsApp* por um grupo de 23 surdos, durante o período de dez meses no ano de 2018. No que tange à análise da categoria Ampliação do Léxico da LP, foram analisadas 930 mensagens, a partir da técnica da aplicação de Análise de Conteúdo (AC) (BARDIN, 2011). A análise permitiu identificar 90 termos na categoria Ampliação do Léxico da LP, divididos em três subcategorias, a saber: (a) substantivos; (b) verbos e (c) adjetivos. Este artigo está dividido em 1. Introdução, 2. Educação bilíngue para surdos: a língua portuguesa como segunda língua; 3. Tecnologias e mídias digitais: *WhatsApp*; 4. Metodologia, 5. Análise de dados; 6. Considerações finais. Na próxima seção, aborda-se o que se entende por educação bilíngue para surdos.

Educação bilíngue para surdos: a Língua Portuguesa como segunda Língua

No que tange, especificamente, à oferta da modalidade de Educação Bilíngue para surdos no Brasil, a Lei n. 10.436 (BRASIL, 2002, s.p), para além da definição da Libras e legitimação desta em relação à comunidade surda brasileira, enfatiza que a Libras “não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”. A referida lei não traz em seu conteúdo oficial quaisquer informações a respeito do ensino da Língua Portuguesa na díade educacional Libras-Língua Portuguesa. Muito embora a lei em questão esteja voltada à

oficialização da Libras, do que à dimensão de ensino aprendizagem, infere-se aqui que ela deveria postular sobre a indissociabilidade das línguas envolvidas (Libras como L1 e a LP como L2) na ótica da educação bilíngue de surdos. Entende-se que a educação bilíngue de surdos demanda constantes reflexões acerca da aplicação e do desenvolvimento de estratégias didático-pedagógicas bilíngues acerca dessas duas línguas nacionalmente oficiais no Brasil.

A promoção da Libras no âmbito educacional ocorre por meio da Lei n. 13.005/2014, que institui o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 (BRASIL, 2014) e garante o direito aos surdos de optarem pela Educação Bilíngue em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do decreto n. 5626/2005 e conforme arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Ainda neste tocante, a Lei n. 13.005/2014 (BRASIL, 2014) cita a garantia da “oferta de professores do atendimento educacional especializado, profissionais de apoio ou auxiliares, tradutores/ intérpretes de Libras, guias-intérpretes para surdos-cegos, professores de Libras, prioritariamente surdos, e professores bilíngues”. Cabe ressaltar, que as legislações aqui apresentadas situam os surdos em uma perspectiva teórica e socioantropológica (SKLIAR, 2016) que, *a priori*, entende a surdez como deficiência, como no campo da Educação Especial, e não como diferença linguística e cultural, conforme as políticas linguísticas nacionais.

Por outro lado, no ano de 2019, por meio do Decreto 9.465 (BRASIL, 2019) obteve-se mais uma conquista para a comunidade surda brasileira, na medida em que o Art. 35 a encargo da Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos no Brasil prevê dez itens, sendo cinco deles, aqui, apresentados:

- l) planejar, orientar e coordenar, em parceria com os sistemas de ensino voltados às pessoas surdas, com deficiência auditiva ou surdocegueira, e com as

instituições representativas desse público, a implementação de políticas de educação bilíngue, que considerem a Língua de Sinais Brasileira (Libras), como primeira língua e Língua Portuguesa Escrita, como segunda língua; II) fomentar a criação de Escolas Bilíngues de Surdos, em todo o território nacional, com oferta de educação integral, em todos os níveis, etapas e modalidades de ensino; IV) promover o desenvolvimento de ações para a formação inicial e continuada de profissionais da educação bilíngue; VIII) promover o acesso a programas de educação linguística precoce e identificação de bebês surdos, por meio de parcerias com órgãos da área da saúde e da assistência social e X) promover e favorecer a realização de estudos e pesquisas referentes às experiências com e na educação bilíngue de surdos.

Os itens apresentados acima, por sua vez, são importantes para a qualificação e a promoção da Educação Bilíngue para surdos. Por outro lado, cabe salientar que no Decreto 9.465 (BRASIL, 2019) não há quaisquer referências pontuais ao ensino da LP, o que revela novamente uma lacuna, em se tratando das questões relativas ao ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. Cabe ressaltar também que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)³ (BRASIL, 2017) não faz menção ao ensino da Língua Portuguesa voltado à Educação Bilíngue de surdos, ou seja, enquanto segunda língua. Quanto a isso, acreditar-se-ia em duas hipóteses sendo, a primeira, o esquecimento da identidade surda e, a segunda, a não compreensão das particularidades da LP como segunda

³ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2017).

língua para surdos. As hipóteses apresentadas têm como embasamento o fato de que a BNCC esteja mais centrada em um público ouvinte, usuários de língua portuguesa como língua materna. Os apontamentos feitos, portanto, evidenciam fragilidades no que se refere às possíveis estratégias didático-pedagógicas que precisam ser pensadas quando do ensino da Língua Portuguesa como L2 para surdos.

Diante do exposto, retoma-se aqui o que se entende por bilinguismo, sendo que as legislações oficiais parecem executar um tipo de “apagamento” da compreensão do que é ser um indivíduo bilíngue. A partir da perspectiva linguística, o bilinguismo é compreendido como a habilidade de utilização de duas línguas, em diferentes graus de competência, o que leva o sujeito a apresentar diferentes níveis de proficiência, tendo em vista os possíveis contexto de uso e propósitos comunicativos (QUADROS, 2017). Haja vista que se está, neste estudo, conceituando a Libras e a Língua Portuguesa, cabe ressaltar que as línguas de sinais (visuoespaciais) e as línguas orais (oral-auditiva) se diferem em relação à modalidade, mas, no entanto, são tão completas quanto as línguas orais. Quadros e Karnopp (2004, p. 48) afirmam que as línguas de sinais “contêm os mesmos princípios adjacentes de construção que as línguas orais, no sentido de que têm um léxico e uma gramática”. Sendo assim, os surdos enquanto sujeitos bilíngues utilizam as duas línguas em contextos diferentes, considerando, na educação bilíngue, a coexistência das duas línguas é necessário pensar nas práticas de ensino e aprendizagem que estruturam e constituem esse ambiente bilíngue.

Relativo ao ensino da Língua Portuguesa para surdos, o PNE (BRASIL, 2014, p. 87) considera que a alfabetização em LP é “obtida por meio de testes de leitura e escrita, possibilitando observar diferenças, avanços e fragilidades no domínio do uso da língua materna, exceto no caso de escolas indígenas e daqueles que têm a língua portuguesa como segunda

língua”. O ensino de LP para surdos prevê apenas a modalidade escrita, que é “entendido como o ensino de uma língua instrumental e com objetivo de desenvolver no aluno habilidades de leitura e produção escrita, será potencializado se o aluno estiver imerso em uma rede de interações com adultos usuários competentes nesta língua” (GIORDANI, 2015, p. 141).

Neste sentido, o ensino de LP como L2 para surdos com foco na escrita vai muito além da estruturação gramatical, ele deve ser pensado, inicialmente, nos níveis discursivo e pragmático, em que a interação social deve ser compreendida em práticas e experiências em L2 de forma contextualizada. De acordo com Pereira (2014, p. 149), o ensino não deve começar por palavras onde a linguagem escrita se apresenta desligada do contexto real, pois “a leitura não se caracteriza como decodificação de palavra por palavra, mas implica compreensão”. A autora salienta que a compreensão da leitura é “vista como atividade interativa de produção de sentidos, que se realiza com base nos elementos linguísticos presentes no texto e na sua forma de organização” (p. 149). Pereira (2005) e Karnopp (2002) também reforçam a necessidade de alteração da concepção de escrita com relação às práticas de L2, que predominam em escolas que atendem alunos surdos, há uma predominância de práticas que focam no ensino de forma descontextualizada, “atribuindo-se pouca ou nenhuma importância aos usos da escrita enquanto práticas sociais mais amplas” (FRONZA, 2018, p. 163). A ideia de interação permite criar situações de uso da língua que se aproximam das situações reais em que o uso da L2 possibilite ao surdo fazer associações com o mundo fora da sala de aula.

No que concerne ao ensino de leitura, análise e produção textual para surdos, é preciso buscar “práticas educacionais baseadas no ensino de segunda língua” (KARNOPP, 2015, p. 228) para que essas sejam norteadas em práticas sociais da linguagem. Ainda Karnopp (2015) comenta que

frequentemente, “o ensino de língua portuguesa está desvinculado do conhecimento de mundo e do conhecimento linguístico adquirido anteriormente pelos alunos surdos” (p. 226). Além disso, deve-se expor o aluno surdo a diversos gêneros textuais, tais como: receitas, crônicas, fábulas, contos, entrevistas, poesias, entre outros, pois suscitarão o conhecimento das diversas finalidades da escrita.

Diante do cenário atual, temos o uso das tecnologias como um grande aliado do ensino de LP para surdos, conforme Goettert (2019, p. 125), “as tecnologias digitais colaboram para a comunicação dos surdos, principalmente, no acesso a informações e conhecimento da língua escrita”. Portanto, as tecnologias digitais permitem novas possibilidades de aprender, tornando possível que os professores sejam os mediadores e atuem de forma a orientar e estimular os alunos surdos no processo de ensino-aprendizagem. Na próxima seção, apresenta-se o aplicativo *WhatsApp*, o qual discorre como elemento importante na ampliação lexical da LP por sujeitos surdos, usuários de Libras.

Tecnologias e mídias digitais: *WhatsApp*

Esta seção apresenta o aplicativo *WhatsApp* enquanto recurso tecnológico voltado à comunicação, com a finalidade de troca instantânea de mensagens, de modo a descrever suas funcionalidades e discorrer sobre como esse vem ganhando adesão por parte de usuários surdos na sociedade digital contemporânea em rede (CASTELLS, 1999). É justamente neste cenário tecnológico, em que dispositivos móveis, como *smartphones e tablets*, têm possibilitado diferentes formas de comunicação, seja por meio de texto, de áudio ou de vídeo, que se tem notado uma facilitação da utilização das línguas de sinais. Neste horizonte, infere-se que as línguas de sinais em contextos tecnológicos têm sua condição visuoespacial (QUADROS, 2017) contemplada, o que viabiliza

a comunicação para os surdos e fortalece o sentimento de pertença à comunidade surda, como grupo linguístico.

Desta forma, aplicativos de comunicação instantânea, como o *Whatsapp*, permitem que as interações ocorram tanto por meio de línguas orais escritas, em que predomina o uso de mensagens em texto e áudio, como em línguas de sinais, como a Libras, por meio de mensagens de texto, mas, principalmente, valendo-se da possibilidade de realizar videochamadas. Contemporaneamente, Corrêa e Cruz (2019) se propuseram à organização de uma obra em que a estreita relação entre o cenário tecnológico atual e a Libras ficam nitidamente claros, a partir dos temas apresentados na obra intitulada *Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais*, outrora mencionada pelos autores deste artigo no estudo que originou o aqui proposto. Tanto é que Reis, Corrêa e Ferreira (2019, p. 5) enfatizam que Corrêa e Cruz (2019) “reuniram na obra pesquisas que evidenciam que as tecnologias digitais têm contribuído expressivamente para o desenvolvimento linguístico, sociocultural e político dos surdos”. Ainda conforme os autores, a obra contou com a participação de outros pesquisadores, acrescenta-se aqui, surdos e ouvintes, que abrangeram temas como: o uso de redes sociais, para fins comunicacionais (Libras e Língua Portuguesa); o desenvolvimento de diretrizes de projetos de recursos educacionais digitais; a construção de ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) acessíveis ao público surdo e o *design* de recursos digitais para leitura em Libras.

Os temas mencionados reforçam a noção de que a presença, a ascensão e a pesquisa científica volta à Libras e sua relação direta com dispositivos, aplicativos, ambientes e espaços tecnológicos de natureza digital vêm ganhando espaço a cada dia no cenário acadêmico brasileiro. Diante disso, assume-se, a partir de Saito e Pivetta (2019), que as tecnologias digitais têm tensionado e expandido as possibilidades que os surdos têm encontrado nos espaços digitais, posto

que se pode não apenas divulgar experiências e executar o compartilhamento de conhecimentos — cita-se aqui os *YouTubers* surdos, por exemplo — mas também a identificação de recursos especialmente direcionados à(s) comunidade(s) surda(s).

No que tange à comunidade surda brasileira, Goettert (2019) salienta que é preciso analisar a repercussão das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), nomenclatura adotada pelo autor, a fim de que se investigue como essas têm reverberado no modo como os surdos fazem uso de recursos de comunicação. Recursos esses que, em verdade, não foram desenvolvidos para usuários de língua de sinais, mas que pela ampla adesão social da parcela majoritária de sujeitos ouvintes, passaram a integrar o cotidiano surdo também, como o aplicativo *WhatsApp*. Para Pereira e Perlin (2016, p. 283), as tecnologias digitais permitem a veiculação de diversos signos linguísticos e, desta forma, possibilitam uma gama de “oportunidades comunicativas, de sociabilidade e educacionais”, ou seja, permitem consolidar novas competências através de intercâmbios comunicacionais entre surdos-surdos e surdos-ouvintes.

O aplicativo *WhatsApp* é um recurso digital gratuito que conectado à internet possibilita a troca ilimitada de mensagens instantâneas (SANTOS, 2018) e permite que o usuário utilize diferentes formatos e mídias, tais como, mensagem escrita (arquivos/documentos), vídeo, áudio, imagens (fotos e animações) e pode ser usado na versão para *smartphones*, *tablets* ou versão *Web* (computadores e *notebooks*). O *WhatsApp*, permite realizar chamadas gratuitas de voz e vídeo, exigindo apenas conexão com a internet, via *Wifi* ou 4G. É, portanto, um recurso que amplia o imediatismo da distribuição e facilita a criação de grupos para a troca de informações.

Frente ao exposto, esta pesquisa investiga a contribuição do uso do aplicativo *WhatsApp* para a comunicação digi-

tal entre surdos para fins de compreensão da LP na modalidade escrita. Na próxima seção apresenta-se a metodologia de pesquisa, em que foi criado um grupo de troca de mensagens entre os participantes surdos, relativo ao uso da LP escrita.

Metodologia

Metodologicamente, como mencionado na seção de introdução, este estudo tem por finalidade retomar e aprofundar especificidades associadas aos achados iniciais apresentados no estudo de Reis; Corrêa e Ferreira (2019), acerca do código Estratégias Linguísticas (EL) em relação à categoria Ampliação do Léxico (AL). As mensagens analisadas são decorrentes das interações de um grupo de surdos bilíngues, usuários de Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua e Língua Portuguesa (LP), sobre dúvidas e dificuldades relativas à LP, os quais fizeram uso do aplicativo *WhatsApp*, como recurso digital com a finalidade de trocas mensagens. Esta é uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória (SAMPIERI, COLLADO, LUCIO, 2013), dotada de um recorte teórico-metodológico, proveniente de uma pesquisa-base de Mestrado em Educação, vinculada a uma instituição privada de ensino superior no Rio Grande do Sul (RS), aprovada em Comitê de Ética em Pesquisa, sob a CAAE 90824518.0.0000.5349.

Para fins investigativos, em junho de 2017 criou-se um grupo privado no aplicativo *WhatsApp*, o qual ficou ativo até outubro de 2018. O objetivo da criação do grupo foi fomentar a troca de mensagens instantâneas entre sujeitos surdos, concernentes a inquietações relativas ao uso da LP escrita, como L2 (segunda língua). As mensagens, geralmente, derivaram-se de interações dos participantes surdos com outros indivíduos presentes em suas práticas socioculturais cotidianas, fossem esses surdos ou ouvintes. O aplicativo *WhatsApp*

serviu tanto de espaço de troca de mensagens, quanto como instrumento de coleta automatizada de dados para a composição do *corpus* de pesquisa.

O grupo de sujeitos de pesquisa foi constituído por 23 participantes (10 homens e 13 mulheres), todos surdos (as), com idade entre 16 e 30 anos. Na perspectiva do recorte investigativo deste estudo, considerou-se as interações entre os participantes no grupo de *WhatsApp* decorrentes do período de dez meses (janeiro a outubro de 2018). Salienta-se que a utilização do *WhatsApp* nesta pesquisa não tinha por finalidade uma estratégia de ensino e aprendizagem com caráter didático-pedagógica, mas apenas quanto à disponibilização de “um espaço digital para tomadas de consciência linguística e cultural *em* e *sobre* (grifos nossos) a LP na modalidade escrita” (REIS; CORRÊA; FERREIRA, 2019, p. 8).

Os sujeitos de pesquisa eram oriundos de disciplinas de ensino de Língua Portuguesa como L2, ministradas por um dos autores/pesquisadores deste artigo, que integrou o grupo de *WhatsApp*. Os participantes surdos possuíam formação em nível de ensino médio, em andamento e concluído, assim como em ensino superior, em andamento ou em fase de conclusão. A participação da pesquisadora no grupo de *WhatsApp* visava apenas a mediação dos participantes e o possível esclarecimento de dúvidas não solucionadas pelo grupo de sujeitos surdos. As mensagens trocadas pelo grupo (em formato de texto, imagem e vídeo) foram copiadas da interface do aplicativo e arquivadas como documentos digitais (arquivos) no formato *Microsoft Word*, o que resultou em 10 arquivos um por mês (jan. a out. 2018), que foram identificados por mês e ano. O conteúdo das mensagens foi mantido quanto à forma e ao conteúdo, sem quaisquer correções ortográficas, sintáticas ou semânticas.

O viés do presente recorte teórico-metodológico deste estudo recai, exclusivamente, sobre o código Estratégias

Linguísticas (EL) e a categoria Ampliação do Léxico (AL), enquanto estratégia de aprofundamento desta categoria. O estudo de Reis, Corrêa e Ferreira (2019), ancorado na técnica de Análise de Conteúdo (AC) e com a utilização do *software* Atlas Ti, bem como o estudo em questão, permitiu identificar quando de sua condução, dois códigos de maior incidência, a saber, a) Estratégias Linguísticas (EL) com 2594 mensagens e b) Recursos do *WhatsApp* (RW) com 507 mensagens, enquanto mensagens trocadas pelos sujeitos surdos no *WhatsApp*. No que tange à categoria Ampliação do Léxico (AL) com 930 turnos de fala, foram identificados 90 termos em Língua Portuguesa em 560 turnos de fala, que foram classificados em 3 categorias, compostas por um número específico de termos: (a) 43 substantivos; (b) 33 verbos e (c) 14 adjetivos. Os demais turnos de fala não apresentaram relação direta com os termos das categorias mencionadas. O processo de análise de dados partiu de uma leitura atenta dos 10 arquivos em formato *Word*, que continham as mensagens trocadas entre os surdos, os quais foram submetidos à técnica de Análise de Conteúdo (AC) (BARDIN, 2011), juntamente com a utilização do *software* Atlas Ti⁴.

O emprego da técnica de Análise de Conteúdo (AC) deu-se pela compreensão de que essa tem sido adotada por diferentes campos do conhecimento, em se tratando da condução de pesquisas de natureza qualitativa e que têm, predominantemente, um *corpus* de natureza linguística, que compreende materiais em forma de textos, imagens, gravações, entre outros. A AC é definida como “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” com “[...] uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto” (BARDIN, 2011, p. 37). Este estudo apoia-se, criteriosamente, nas três fases propostas pela AC, a saber: (a) pré-análise (organização; leitura flutuante; escolha dos do-

⁴ O *software* Atlas Ti foi adquirido na versão Mac para a análise qualitativa dos dados textuais.

cumentos; hipóteses e objetivos; indicadores), (b) exploração do material (codificação e unidade de registro) e (c) tratamento dos resultados e interpretação (classificação; categorização por semelhanças e ou diferenciação; agrupamento), conforme descritas por Bardin (2011). A utilização do *software* Atlas TI levou em conta que esse recurso computacional pode, potencialmente, auxiliar no gerenciamento, sistematização e organização dos dados, de maneira a descomplexificar o processo de extração e identificação de dados complexos (LAGE, 2011). Na próxima seção, apresenta-se a seção de análise de dados em que são exibidos os resultados da pesquisa sobre a ampliação do léxico da LP pelos participantes surdos.

Análise de dados

Diante da metodologia, apresentada anteriormente, foi selecionado e analisado o código Estratégia Linguística (EL) e a categoria Ampliação do Léxico (AL). Karnopp (2015), traz uma questão interessante quanto ao domínio de L2 por parte dos surdos, de que aqueles que têm maior conhecimento do léxico em LP são mais valorizados por outros surdos.

Os quadros desta seção apresentam os termos das categorias de análise do material empírico selecionado para este artigo. Entre as categorias foram elencadas as que mais se destacaram ao longo das interações no grupo de pesquisa: substantivos, verbos e adjetivos. O primeiro quadro apresenta os substantivos que apareceram durante o período analisado.

No que tange à categoria Ampliação do Léxico (AL) com 930 turnos de fala, foram identificados 90 termos em LP em 560 turnos de fala, que foram classificados em 3 categorias, compostas por um número específico de termos: (a) 43 substantivos; (b) 33 verbos e (c) 14 adjetivos.

Nas análises foram identificados 43 substantivos, na qual procedeu-se à seleção de dois blocos de conversas, em que os turnos de fala apontassem para interlocuções constituídas pela presença de dúvidas, pedidos de esclarecimentos e aplicações do léxico em pauta em frases em LP escrita como L2. Dentre as 43 incidências de substantivos, no Quadro 1, são apresentadas conversas sobre: Termo 1: suicídio e Termo 2: rotina. A seguir apresenta-se o quadro 1.

Quadro 1

CÓDIGO	Estratégias Linguísticas (EL)	
CATEGORIA	Ampliação do Léxico (AL)	
SUBCATEGORIA	Substantivo	
INCIDÊNCIA:	43	
TERMO 1		MÊS/ANO/CONVERSA
Suicídio		
P14: Quer dizer suicídio? P3: Enforcar = corda para ficar amarrar o pescoço P14: LoL P14: Obrigado P3: De nada		Set/2018/Conversa 2
TERMO 2		MÊS/ANO/CONVERSA
Rotina		

<p>P9: O q é rotina? P2: Igual todos os dias P2: Tu tem rotina ao ir escola P2: Todos os dias tu ir escola P2: Todos os dias a mesma coisa vc ir escola e trabalho P2: Entendeu P9: Obrigado</p>	<p>Out/2018/Conversa 3</p>
---	----------------------------

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na conversa 1 a respeito do substantivo “suicídio” (Termo 2), o Participante 14 (p. 14) questiona o significado do termo. Ao não saber responder objetivamente o significado do termo P3 explica-o por meio da adoção do verbo “enforçar” em LP sua L2, mas, no entanto, a estrutura sintática de sua explicação está elaborada linguisticamente com interferência da Libras com L1 (LACERDA; LODI, 2014). Tanto é que P3 utiliza os verbos (enforçar e amarrar) na forma infinitiva, aspecto linguístico que quando uso de uma L2 por sinalizantes de Libras é visto como resultado de uma dificuldade latente para os surdos (FERNANDES, 2007).

Neste sentido, Fernandes (2007, p. 15) afirma que isso se deve à dimensão linguística da Libras, tendo em vista que “a flexão de tempo, modo e pessoa ocorre por mecanismos discursivos contextuais e espaciais [...] Há uma tendência de que os verbos sejam escritos na forma infinitiva ou com flexões inadequadas. O aspecto relativo ao uso de formas infinitivas em LP como L2, na perspectiva de Quadros (2003, p. 102), justifica-se na medida em que a, inquestionavelmente, “experiência visual é a base do pensamento e da linguagem dos surdos”. Portanto, “a forma de representar a Libras transcende a LP” (QUADROS, 2017, p. 39). Após a explicação de P3, P14 faz uso da expressão em língua inglesa “*laughing out loud*” (Rindo Alto) que é uma gíria em que representa a abreviação da expressão (LoL). Isso demonstra um ponto de contato com outra cultura para além da cultura linguística de

sua L2 (LP), a qual é presente em redes sociais e utilizada em aplicativos de comunicação instantânea para manifestar de modo prático reações e sentimentos. Os participantes sinalizam a conversa informando a compreensão do termo.

Na conversa 2, sobre o substantivo “rotina” (Termo 2), P₉ solicita explicações a respeito do referido termo, já P₂ em sua resposta diz que se trata de algo que se repete com frequência (todos os dias). Verifica-se que os exemplos são fatos cotidianos de práticas sociais. P₂ ainda exemplifica o termo com uma estrutura frasal sinônima, não conjugando adequadamente o verbo *ir*, de acordo com o pronome empregado. O uso inapropriado da forma infinitiva do verbo *ir* em LP, ocorre sob a mesma perspectiva citada na análise da conversa 1.

Inicialmente, P₂ utilizou a contração (preposição + artigo) e a omitiu nas frases seguintes. A referida omissão, de acordo com Almeida e Lacerda (2019, p. 913), pode ser entendida como uma “dificuldade natural de quem aprende outra língua, pois as preposições não carregam um significado explícito”. Ainda sob a ótica de Almeida e Lacerda (2019) depreende-se que as tentativas escritas de P₂, produzidas em LP, propiciam ao participante uma possível familiarização com sua L2, ou seja, um exercício cognitivo que tem por base a estruturação linguística em L2, mesmo ainda havendo interferência de sua L1.

No quadro 2, subcategoria Verbos, são apresentados dois blocos de conversas, nas quais os turnos de fala apontassem para interlocuções constituídas pela presença de dúvidas, pedidos de esclarecimentos e aplicações do léxico em pauta em frases em LP escrita como L2. Dentre as 33 incidências de verbos, no Quadro 2, são apresentadas conversas sobre: Termo 1: sobreviver e Termo 2: superar. A seguir apresenta-se o quadro 2.

Quadro 2

CÓDIGO	Estratégias Linguísticas (EL)	
CATEGORIA	Ampliação do léxico (AL)	
SUBCATEGORIA	Verbos	
INCIDÊNCIA:	33	
TERMO 1		MÊS/ANO/CONVERSA
Sobreviveu		
<p>P6: Sobreviveu? Que é q palavra P14: Igual conseguir viver P14: Avião caiu na ilha, só uma pessoa sobreviveu P14: Exemplo filme homem quebrou dente e contato bola P14: Mesmo kkkkk P3: Isso P6: Entendo P6: kkkkk P6: Ameii você falou P3: 5 pessoas P3: Acidente o carro P3: 4 morrem P3: Uma pessoa sobreviveu P3: Sobreviveu</p>		Fev/2018/Conversa 1
TERMO 2		MÊS/ANO/CONVERSA
Superar		
<p>P9: O que é superar?? P9: Eu lembrei o q era mas esqueci o q é Alguém pd me explicar??</p>		Ago/2018/Conversa 3

P19: <Arquivo de mídia oculto>
P9: [??][??]
P9: Não entendi muito bem mas prefiro alguém me explique uma frase qlr para eu entender melhor
P4: Isso aí.. 🙌🙌🙌
P19: Por exemplo *eu superei bem as minhas provas*
P19: *A minha mãe superou muito feliz*
P9: Ahhh
P9: Vddd
P9: Lembrei agora
P9: Valeeeeeu
P9: Brother

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na conversa 1 a respeito do verbo “sobreviver” (Termo 1) em LP, P6 pergunta sobre o significado do termo. P14 responde a P6, apresentando uma estrutura com significado sinônimo, que explica a associação de “conseguir viver” a “sobreviver”. Em se tratando de verbos, semanticamente abstratos, como é o caso do verbo sobreviver, verificou-se que P14 exemplificou por meio de sua L1, haja vista que o mesmo escreveu “conseguir viver”, que é o modo como o verbo “sobreviver” é sinalizado em Libras. Dito isso, entende-se aí haver uma interferência da L1 sobre a L2, ou seja, o processamento cognitivo orientou-se pela L1 e seu caráter visuo-oespacial. P14 segue ilustrando o verbo “sobreviver” com base em um filme (O Naufrago), em que o personagem principal sobrevive a um naufrágio, vivendo em uma ilha.

A interlocução viabilizada pelo *WhatsApp* segue em um tom descontraído e amigável, onde repentinamente, P3 cita um exemplo de acidente de carro, em que apenas uma pessoa teria sobrevivido, como forma de ilustrar a aplicação do verbo em pauta. P3 ao perceber ter digitado de forma equivocada o verbo (sobreviveu) em discussão, o próprio

apresenta, em caráter de autocorreção, a conjugação correta do verbo (sobreviveu) em L2. Um dado importante a ser observado é que as produções são contextualizadas e trazem a L2 para o plano de seu funcionamento social, ou seja, produções socioculturalmente situadas (KARNOPP, 2015), a partir de experiências pessoais vinculadas “às experiências do sujeito enunciador (ALMEIDA; LACERDA, 2019, p. 909).

Na conversa 2, sobre o verbo “superar”, no termo 2, o P₉ solicita que alguém lhe explique o significado do termo. Diferentemente, das demais conversas até aqui analisadas, P₁₉ não apresenta uma explicação em LP, mas faz uso de uma das funcionalidades do aplicativo *WhatsApp* que é a de envio e recebimento de vídeos. No entanto, P₁₉ ao enviar um vídeo em Libras, explica o termo “superar” de modo equivocado. No vídeo P₁₉ faz uso do sinal “conseguir” em Libras, o qual não possui o mesmo significado que o verbo “superar” em LP. Tanto é que P₉ pede que a explicação ocorra aplicada a uma frase em LP. O participante surdo neste momento parece validar e reforçar seu desejo de apropriação linguística em sua L2, ao dizer “para eu entender melhor”.

Ainda sob influência de sua L₁, P₁₉ apresenta duas frases exemplificativas para o verbo “superar” conjugadas no pretérito (superei, superou), as quais não fazem jus ao real significado do termo. Isso porque os exemplos estão associados a estrutura linguística da Libras quando do uso do sinal “conseguir” que não tem a mesma expressão semântica que o verbo “superar” em LP. Este bloco de troca de mensagens é encerrado com P₉ agradecendo a contribuição de P₁₉, que, na verdade, não foi totalmente elucidativa do real significado do verbo “superar, do ponto de vista analítico desta pesquisa.

No quadro 3, subcategoria Adjetivos, são apresentados dois blocos de conversas, nas quais os turnos de fala apontam para interlocuções constituídas pela presença de dúvidas, pedidos de esclarecimentos e aplicações do léxico em

pauta em frases em LP escrita como L2. Dentre as 14 incidências de adjetivos, no quadro 3, são apresentadas conversas sobre: Termo 1: debilitado e Termo 2: desgraçado. A seguir apresenta-se o quadro 3.

Quadro 3

CÓDIGO	Estratégias Linguísticas (EL)	
CATEGORIA	Ampliação do léxico (AL)	
SUBCATEGORIA	Adjetivos	
INCIDÊNCIA:	14	
TERMO 1		MÊS/ANO/CONVERSA
Desabilitado		
<p>P9: O que é debilitado???</p> <p>P9: Eh uma doença mas n sei o q é</p> <p>P2: É q exemplo vc não se sente muito bem</p> <p>P2: Cansado</p> <p>P2: Problema saúde sabe</p> <p>P9: Tipo mt fraco né</p> <p>P2: É</p> <p>P9: Obggg</p>		Jul/2018/Conversa 2
TERMO 2		MÊS/ANO/CONVERSA
Desgraçado		

<p>P1: Não venha esse assunto de desgraçado??</p> <p>PESQ: Vc q escreveu essa frase? Sabe o q é desgraçado?</p> <p>P1: Desgraçado = igual pior??</p> <p>P7: ia falar isso sks</p> <p>P1: Você é desgraçado da minha vida???</p> <p>P7: nnnn</p> <p>P7: tipo: DESGRAÇADA, tu sempre cuida da minha vida.</p> <p>P1: Porque eu sempre olhei o filme sempre falava assim</p> <p>* seu desgraçado etc... por isso eu perguntei</p> <p>PESQ: Isso</p> <p>P1: Ah agora entendi, obrigado</p>	<p>Mar/2018/Conv ersa 3</p>
--	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na conversa 1, acerca do adjetivo “debilitado”, P₉ ao questionar sobre o significado do termo, acaba por afirmar se tratar de uma doença. Essa afirmação é decorrente da associação da forma visuoespacial da Libras (L₁) (LEBEDEFF, 2017; QUADROS, 2017) quando da relação com o termo em L₂. Na Libras o sinal para “debilitado” é representado por alguém que não se sente bem, que está doente, com objetivo de ilustrar o efeito sob o corpo. Isso faz com que P₉ refira-se à ideia de doença. P₂ tenta ilustrar a explicação para o adjetivo, reforçando a ideia de que se trata de problema de saúde. Nesta conversa foi possível identificar que os participantes empregaram outros dois adjetivos (cansado, fraco) com significado relacionado ao adjetivo debilitado. No entanto, em LP estar debilitado representa uma condição associada a estar com a saúde fragilizada e, não com uma determinada doença.

Na conversa 2, sobre o termo “desgraçado”, P₁ questiona a aplicação do adjetivo “desgraçado” em uma frase, evidenciando ser necessário compreendê-lo a partir de sua contextualização em uma frase em LP. O adjetivo citado foi entendido pelo P₁ como um termo que desqualifica e é con-

siderado negativo, deixando evidente que a valoração discursiva aqui empregada é determinante no contexto em que o participante observou o termo referido.

Outro fato relevante, levantado pelo participante é a evidência da influência que os filmes devem ter no processo de aquisição/ aprendizagem da LP, ainda mais em se tratando de sujeitos surdos expostos a legendas. Portanto, as legendas podem ter um papel expressivo quando da ampliação do léxico em LP, daí a importância de que os filmes estrangeiros e brasileiros apresentem legendas coerentemente escritas em LP. Embora a lei não seja federal, em alguns estados brasileiros, os surdos já têm o direito de contar com linguagem adequada em exibições de cinema e em peças teatrais.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo analisar o código Estratégias Linguísticas utilizado por um grupo de surdos usuários de Libras com L1 e LP como L2, quando de trocas de mensagens via *WhatsApp*, especificamente, acerca da categoria Ampliação do Léxico da LP. Essa foi a proposta de aprofundamento de um estudo anterior, em que esse tópico não havia sido pormenorizado nem mesmo quanto à totalidade de termos (90) e as particularidades de sua utilização em conversas entre os sujeitos surdos.

Por meio da técnica de Análise de Conteúdo (AC) (BARDIN, 2011) e com o auxílio do software Atlas Ti verificou-se a existência das três subcategorias (substantivo, verbo e adjetivo) apresentadas na seção de análise de dados. Na medida em que se identificou situações como: (a) consulta a dicionário de LP; (b) prática e correção de tempos verbais; (c) uso de expressões de língua estrangeira; (d) uso de sinonímia, relativo à subcategoria de Substantivos. Já em relação à subcategoria Verbos: (a) manifestação de conhecimento

cultural sobre filmes (vocabulário de legendas); (b) consolidação de espaço digital descontraído para interlocuções sobre a LP; (c) autocorreção quanto à flexão de tempos verbais em LP; (d) uso de prefixos de negação; (e) solicitação de contextualização do léxico em frases em LP; (f) flexão verbal. Na subcategoria Adjetivos: a) situações como ampliação do léxico em relação às formas nominais; (b) emprego de variações sinônimas de adjetivos para explicar o mesmo adjetivo; (c) influência de filmes na ampliação vocabular.

Frente aos itens mencionados em relação às três subcategorias aqui arroladas, todas associadas diretamente ao código Estratégias Linguísticas, é possível inferir que o *WhatsApp* representa uma possibilidade de espaço digital para o estabelecimento de conversas escritas em LP para fins de compreensão de dúvidas relacionadas à LP. Inquestionavelmente, notou-se nas conversas analisadas o desejo de apropriação do léxico da LP como L2, haja vista que os sujeitos surdos manifestaram solicitações sobre o uso de vocábulos sempre contextualizados em frases. Cabe salientar que o grupo no *WhatsApp* não tinha finalidade didático-pedagógica, mas, no entanto, os surdos evidenciaram pleno interesse em usar o recurso digital para aprimoramento da LP como L2, com vistas a construção de orações sintática e semanticamente corretos. Também ficou evidente que os surdos, enquanto sujeitos bilíngues usuários de Libras como língua minoritária, manifestam a vontade de ampliar o léxico do LP como forma de ascensão pessoal e profissional, tendo em vista que essa L2 tem prestígio social e, portanto, tende a ser valorizada no campo profissional.

Neste sentido, notou-se que os surdos manifestam suas inquietações quanto ao significado e compreensão de vocabulário da L2 e quanto às convenções ortográficas da língua escrita, assim como acerca das dimensões sintáticas e semânticas da LP. Ainda se ressalta que o aplicativo *WhatsApp*, por ser um recurso digital que permitiu a criação de um

grupo de sujeito de minoria linguística que o sentimento de pertença cultural foi visto como elemento de colaboração entre os indivíduos, configurando-se como uma tecnologia disruptiva quanto à concepção sociocultural voltada àquilo que pode ser visto como majoritário e minoritário.

Ainda cabe dizer que o construto denominado usuários de língua minoritária não representa nenhum tipo de entrave entre os surdos, em relação ao exercício de uma identidade bilíngue voltada à LP. Em estudos futuros pretende-se aprofundar a dimensão tecnológica do *WhatsApp*, tomando por base suas principais funções quando do auxílio, por exemplo, do uso de vídeos em Libras para fins de elucidação de vocábulos não compreendidos antes em LP.

Referências

ALMEIDA, Djair L. de; LACERDA, Cristina B. F. de. *Português como segunda língua: a escrita de surdos em aprendizagem coletiva*. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n (58.2): 899-917, maio/ago. 2019.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL, 2002. *Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 10 abr. 2020.

BRASIL, 2005. *Decreto no 5626/05*. Regulamenta a Lei 10.436 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. [on-line]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 10 abr. 2020.

BRASIL, 2014. *Lei no 13.005/14*. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 15 de abr. 2020.

BRASIL, 2017. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 18 de abr. de 2020.

BRASIL, 2019. *Decreto no 9.465/19*. Art. 35. Sobre as políticas de educação bilíngue de surdos. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/KujrwoTZC2Mb/content/id/57633286. Acesso em: 15 abr. 2020.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLAUDIO, Janaina Pereira. A construção comunicativa digital dos sujeitos comunicantes surdos: estratégias metodológicas. In: CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (Org.). *Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais*. Porto Alegre: Penso, 2019, p. 157-175.

CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (Org.). *Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais*. Porto Alegre: Penso, 2019, 188p.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 19, n. 1, 2019.

FERNANDES, Sueli. *Avaliação em Língua portuguesa para alunos surdos: algumas considerações*. Curitiba, SEED/SUED/DEE, 2007.

FRONZA, Cátia de Azevedo. Língua portuguesa no ensino fundamental: sobre ouvintes e surdos. *ReVEL*, edição especial, n. 15, 2018.

GIORDANI, L. F. Encontros e desencontros da língua escrita. In: LODI, A. C. B.; MÉLO, A. D. B.; FERNANDES, E. (Org.). *Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos*. Porto Alegre: Mediação, 2015.

GOETTERT, Nelson. As tecnologias como ferramenta auxiliares na comunicação em língua portuguesa para usuários de língua brasileira de sinais. In: CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebello (Org.). *Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais*. Porto Alegre: Penso, 2019, p. 125-142.

KARNOPP, L. B. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. de; TESKE, O. (Org.). *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002.

KARNOPP, L. B. Práticas de leitura e escrita entre os surdos. In: LODI, A. C. B.; MÉLO, A. D. B. de; FERNANDES, E. (Org.). *Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos*. Porto Alegre: Mediação, 2015a, 392p.

KARNOPP, L. B. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de;

FERNANDES, Eulalia. *Letramento, Bilinguismo e Educação de Surdos*. Porto Alegre: Mediação, 2015b, 392p.

LACERDA, C. B. F. de; LODI, A. C. B. Ensino-aprendizagem do português como segunda língua: um desafio a ser enfrentado. In: LODI, A. C. B e LACERDA, C. B. F. (Org). *Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização*. 4. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2014, p. 143-160.

LAGE, M. C. Utilização do software NVivo em pesquisa qualitativa: uma experiência em EaD. *Educação temática Digital*, Campinas, v.12, n. esp., 2011, p. 198-226, mar.

LEBEDEFF, T. B. *Letramento visual e surdez. O povo do olho: uma discussão sobre a experiência visual e surdez*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017, p. 226-251.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha (Org.). *Leitura, escrita e surdez*. Secretaria da Educação, CENP/CAPE. São Paulo: FDE, 2005.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2/2014, p. 143-157. Editora UFPR.

PEREIRA, S. L. S.; PERLIN, G. T.T. As redes sociais digitais e as possibilidades de uma educação bilíngue de surdos no ciberespaço. *Revista EDaPECI*, São Cristóvão (SE) v. 16, n. 2, p. 282-298, maio /ago. 2016.

QUADROS, Ronice Müller de. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. *Ponto de Vista*, Florianópolis, n. 5, 2003, p. 81-111.

QUADROS, Ronice Müller de. *Língua de herança: língua brasileira de sinais*. Porto Alegre: Penso, 2017, 247 p.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SAITO, Daniela S; PIVETTA, Elisa Maria. Framework Términus: comunidades de prática virtuais como apoio ao desenvolvimento de neologismos terminológicos em língua de sinais. In: CORRÊA, Ygor; CRUZ, Carina Rebelo (Org.). *Língua Brasileira de Sinais e Tecnologias Digitais*. Porto Alegre: Penso, 2019, p. 79-94.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. *Metodologia de Pesquisa*. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, L. C. *Avaliação da intenção de uso do Whatsapp, como ferramenta de ensino/aprendizagem, por professores do ensino superior*. Dissertação (mestrado em Administração) – Universidade do Grande Rio, Escola de Ciências Sociais e Aplicadas, Rio de Janeiro, 2018.

SKLIAR, Carlos (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016. 192p.

REIS, Tatiane Folchini dos; CORRÊA, Ygor; FERREIRA, Jacques Lima. *Surdos e Whatsapp: uma análise da comunicação digital entre sujeitos surdos*. *The Specialist*, v. 40, n. 3, 2019.

[Recebido: 31 jul. 2021 — Aceito: 18 ago. 2021]